

# A ESTRUTURA ÉTICA DA LINGUAGEM COMO SAÍDA DA ONTOLOGIA TOTALIZANTE EM EMMANUEL LÉVINAS\*

*Antonio Danilo Feitosa Bastos<sup>1</sup>*

*João Santos Cardoso<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente artigo abordará a relação entre ética e linguagem na filosofia da alteridade de Emmanuel Lévinas. Partindo da consulta de suas principais obras filosóficas, faz-se uma leitura sobre a problemática da linguagem no campo da filosofia contemporânea. Lévinas decepciona-se com a filosofia totalizante do ocidente, a qual ele julgava justificar a violência para com o diferente. Em contraposição, ele desenvolve seu pensamento por entre objeções àquela filosofia, permitindo refletir sobre a estrutura ética da linguagem que, segundo o filósofo, dá-se na relação do “eu” com “outrem”. A intercomunicação acontece primeiro e significativamente de forma “não-verbal” e é saída confiável da racionalidade não instrumentalizada.

**Palavras-chave:** Linguagem não-verbal; Linguagem ética; Alteridade; Outrem.

177

**Abstract:** The present article will deal with the relationship between ethics and language in the philosophy of alterity in Emmanuel Lévinas. Starting from the consultation of his main philosophical works, it will be a reading of the outstanding problems of language in the field of contemporary philosophy. Lévinas is disappointed with the totalizing philosophy of the West, which he thought to justify the violence toward the different. In contrast, he develops his thought amid objections to that philosophy, allowing reflections about the ethical structure of language that, according to the philosopher, takes place in the relationship of the “self” with the “others”. The interaction happens first and significantly in a “non-verbal” form and it is the reliable way out to the non instrumentalized rationality.

**Keywords:** Non verbal language; Ethical Language; Alterity; Others.

---

\* Artigo submetido à avaliação em 3 de novembro de 2014 e aprovado para publicação em 10 de dezembro de 2014.

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia e bacharelado em Teologia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI), Teresina-PI. E-mail: [antoniodanilo.miserere@hotmail.com](mailto:antoniodanilo.miserere@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professor de Filosofia da Linguagem no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI) em Teresina-PI, com formação em filosofia e teologia, mestre e doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma-Itália). É bispo da Diocese de São Raimundo Nonato em São Raimundo Nonato-PI. E-mail: [cardos.sj@gmail.com](mailto:cardos.sj@gmail.com).

## Introdução

**E**ste artigo pretende desenvolver os motivos pelos quais Emmanuel Lévinas decidiu seguir construindo filosoficamente a sua ética da alteridade e como se dá a sua proposta inovadora através da reflexão sobre os laços entre ética e linguagem como saída da ontologia totalizadora do Ocidente.

Para isso, far-se-á uma passagem pelos fatos mais relevantes de seu século, pois a obra e o pensamento de Lévinas são melhores compreendidos quando contextualizados no horizonte dos acontecimentos marcantes do século XX. Os acontecimentos referidos são basicamente a I e a II Guerras Mundiais, a Revolução Russa, a crise da razão e da ciência, a ascensão do fascismo e a perseguição aos judeus pelos nazistas.

A breve contextualização histórica do filósofo permitirá ao leitor perceber que a violência teve como suporte a razão instrumental. Suas primeiras produções filosóficas têm início a partir da crítica à racionalidade instrumental e de suas inquietações interiores, certamente motivadas por uma experiência não totalizadora na relação com o diferente no drama da época. Dos muitos escritos filosóficos levinasianos, as obras *De l'existence à l'existant* de 1947 e *Totalité et infini: essai sur l'extériorité* de 1961 serão marco referencial do artigo, não dispensando a contribuição de comentadores do pensamento do filósofo.

178

A abordagem em questão mostrará a concepção levinasiana sobre a linguagem e como ela enquanto tal se manifesta na relação face a face como impossibilidade do "eu" enquanto "si mesmo" permanecer em si, isto é, permanecer imparcial diante da manifestação do "outro" diferente do próprio "eu".

Por fim, a natureza ética da linguagem será lançada como proposta para a manutenção de uma amigável e sadia relação entre os diferentes, de modo que haverá entre o "eu" e o "outro" o nível mínimo possível de aceitação do diferente do "si mesmo".

## A linguagem como transmissão cultural em Emmanuel Lévinas

O filósofo lituano pertencia a uma família judia que, assim como as demais famílias com essa raiz, educava os jovens na cultura judaica e na cultura russa. Isso contribuiu desde muito cedo para a aprendizagem de duas línguas, a hebraica e a russa. "A geração de meus pais, mesmo tendo recebido esta cultura e ainda que continuasse ensinado o hebraico a juventude, via o futuro dos jovens na língua e na cultura russa" (POIRIÉ, 1992, p. 53).

O idioma russo ocupava de tal forma um lugar relevante no bilinguismo em que eram formados os jovens judeus lituanos de sua geração que, certa vez, quando recebeu a visita de um conhecido judeu de passagem pela sua cidade, este quando

viu as obras literárias de Pouchkine ocupando lugar central na decoração da casa pronunciou: "Logo se vê [...] que estamos numa casa judia" (POIRIÉ, 1992, p. 53). Para Lévinas, segundo Pelizzoli (1994, p. 32), não havia nenhuma dificuldade em conseguir obras de autores russos como Pouchkine, Gogol, Dostoievski, Tolstoi, Lermontov, dentre outros, pois seu pai era proprietário de uma sortida livraria na cidade.

Pelizzoli (1994, p. 32) afirma que o judaísmo quando passou por um elevado grau de desenvolvimento na Europa ocidental trouxe consigo o aumento do número de sinagogas e de escolas de alto nível que ensinavam o hebraico e a leitura da Torá, tornando-se local onde se faziam estudos talmúdicos. Aos seis anos de idade, Lévinas foi estudar em uma dessas escolas para aprender a língua hebraica. Em 1914, com oito anos, ele fez a terrível experiência da guerra que estremeceu a Europa. Junto com sua família vai refugiar-se na Ucrânia, onde deu continuidade com os estudos no Liceu, onde teve denso contato com o romance russo que tratava de temáticas centrais como o amor e a transcendência, fato que o incitava a fazer um itinerário pelos caminhos da filosofia.

O amor - sentimento pelos livros foi certamente uma de minhas primeiras tentações filosóficas. Nos liceus da Lituânia, segundo a tradição russa, não havia filosofia, não havia aulas de filosofia, mas havia uma abundância de inquietações metafísicas (POIRIÉ, 1992, p. 56).

O Filósofo expressa o quanto as temáticas abordadas em obras literárias contribuíram para o seu desenvolvimento na reflexão sobre questões metafísicas, uma vez que questões tais, como o amor, são de caráter transcendental, portanto, não estão subordinadas ao capricho da compreensão total pela racionalidade dos escritos filosóficos, mas é abrangente e, por isso lhe foi um assunto positivamente inquietante que remetera a uma interpretação do sentido da alteridade.

179

### **As línguas: passaporte de Lévinas para o campo da Filosofia**

A partida venturosa de Lévinas para a França em 1923 não se deu por mera coincidência, estava envolvida por benévolos interesses pessoais, como o prestígio de que gozava o idioma francês. Num primeiro momento, o de adaptação, ele assumiu com assiduidade o objetivo de estudar por conta própria o francês e o latim. As línguas não eram vistas como empecilhos para seu desenvolvimento e feito de carreira filosófica.

Ah, as línguas nunca são obstáculos! [...] ainda falo muito bem o russo, bastante bem o alemão e o hebraico, leio em inglês, mas no início da guerra de 1937 eu frequentemente pensava que a guerra era para defender o francês. Isso pode parecer uma balela, mas eu pensava isso seriamente: é nesta língua que sinto a seiva do chão (POIRIÉ, 1992, p. 57).

Na Segunda Guerra Mundial, como cidadão francês, colocou-se à disposição para participar da mesma, como tradutor dos idiomas russo e alemão. Quando foi capturado como prisioneiro no território francês e enviado para um campo de concentração na Alemanha, mesmo tendo sido identificado como judeu, teve tratamento especial devido ao uniforme que usava.

No cativeiro, Lévinas permaneceu por cinco anos, mas esse período incontestavelmente dramático não foi em si ocasião para desespero, no sentido próprio da palavra, pois ele dedicava-se sempre que possível à leitura de obras filosóficas de Hegel, Proust, Diderot, Rousseau e outros autores.

Lia Hegel, logo de saída. Mas também muitos outros textos filosóficos de diversas proveniências. Muitas coisas que ainda não tinha conseguido ler: antes de tudo Proust, os autores do século XIII [não seria do século XVIII?], Diderot, Rousseau e depois os autores que não fazem parte de nenhum programa (POIRIÉ, 1992, p. 74).

Nesse período, Lévinas deu início à produção filosófica com um pequeno texto *De l'existence á l'existant*, onde conclui com a crítica a submissão do Ocidente ao "il y a", isto é, a existência sob um ponto de vista extremamente existencialista-pessimista, existência anterior aos existentes, alienação absoluta e neutralidade dos verbos da natureza. O linguista e estruturalista francês, E. Benveniste (*apud* PELIZZOLI 1993, p. 11), aponta para o que na linguagem metafísica foi causa de preocupação para o pensamento levinasiano, afirmando:

Evidentemente que não foi a língua que orientou a definição metafísica do 'ser', pois cada pensador grego tem a sua, mas ela permitiu fazer do 'ser' uma noção objetivável, que a reflexão filosófica podia manejar, analisar, situar como qualquer outro conceito.

Com os pés moderadamente firmados no campo da linguagem, ele faz emergir questionamentos, sobretudo, pelas leituras de filósofos que pensam as categorias do grego a partir do alemão, como o fez Martin Heidegger e outros mais que se empenharam em impor um absolutismo radical do ser. No decorrer do seu pensamento, por diversas vezes objetara a compreensão do ser como coisa objetivável e, portanto, totalmente apreensível e conceituável.

### **Um novo significado para o "il y a" da filosofia heideggeriana**

Na atmosfera inquietante do pós-guerra, os inumeráveis questionamentos interiores quanto à existência contribuíram incomensuravelmente para que Lévinas

enfatisasse o tema da ética, que não procede de seus fortes interlocutores ocidentais, tais como Husserl e Heidegger (PELIZZILI, 1994, p. 45).

O filósofo, na obra *De l'existence á l'existant*, tem muitas características favorecedoras para a interpretação da sua compreensão do que vem a ser uma relação ética. Esse texto dialoga de modo crítico com o Ocidente ontológico, utilizando-se da língua francesa, que é terra fértil para a expressão de seu pensamento, permitindo-lhe a reterritorialização. "É o chão desta língua que é para mim o chão francês, você compreende... Ainda falo muito bem o russo, bastante bem o alemão e o hebraico, leio inglês [...] é nesta língua que sinto a seiva do chão" (POIRIÉ, 1992, p. 60).

As apresentações feitas por François Poirié mostram muito claramente que a primazia do ser em relação ao ente realizada pela ontologia heideggeriana deixa pouquíssimo espaço para o desenvolvimento de uma ética primeira, de um relacionamento intersubjetivo, reduzindo-a sistematicamente a uma relação de saber e posse, de sujeito para objeto.

Lévinas critica o ontologismo ocidental, ostentador do território do ser, do impessoal "il y a" (há) que se realiza no anonimato, sem portador, sem sujeito, sem cessar, sem saída, indiferente e sem sentido, tão simplesmente para o nada. Aponta para uma saída certamente não muito fácil, a saída do "il y a" do ser para um diferente de ser, saída de uma existência anônima para uma existência dotada de nome. Esta é proposta de saída ética da ontologia.

181

Sair de si é ocupar-se com o outro, com o sofrimento e com a morte dele, em vez de ocupar-se com a própria morte [...] penso que é o desdobramento do fundo de nossa humanidade, o próprio descobrimento do bem no encontro com o outro, não tenho medo da palavra bem; a responsabilidade pelo outro é o bem, não é agradável, é bem (POIRIÉ, 1992, p. 80).

O desprendimento do cômodo egoísmo para a relação com o diferente de mim é verdadeiramente uma obrigação, no "para o outro" e introduz um sentido no "não-sentido" do haver. "Meu esforço em *De l'existence á l'existant* consistia em buscar a experiência de uma saída deste sem sentido anônimo" (POIRIÉ, 1992, p. 79).

O "il y a" não é o confronto com o dramático medo da morte nem angústia em relação a existência como Martin Heidegger (2000, p. 248) vem a declarar:

Aquilo com que a angústia se angustia é o nada que não se revela "em parte alguma". Fenomenalmente, a impertinência do nada e do em parte alguma intramundanos significa que a angústia se angustia com o mundo como tal. [...] O nada da manualidade funda-se em "algo" mais originário, isto é, no mundo. Do ponto de vista ontológico, porém, ele pertence essencialmente ao ser do Dasein como ser-no-mundo. Se, portanto, o nada, ou seja, o mundo como tal, se apresenta como aquilo com que a angústia se angustia isso significa que a angústia se angustia com o próprio ser-no-mundo.

O que de fato há não é a angústia tal como concebeu a definição heideggeriana, mas o inconformismo com o fechamento em si, que é um cansaço de estar somente para si, ele é de tal forma desgastante que só se soluciona com a saída para o outro, isto é, pela tomada de responsabilidade pelo que não sou eu (PELIZZOLI, 1994, p. 44). “Não é a angústia do nada, é horror do il y a da existência; não é o medo da morte, é o medo do além de si mesmo. [...] o horror do il y a está próximo da repugnância de si mesmo, do cansaço de si” (POIRIÉ, 1992, p. 80).

O filósofo franco-lituano pretende dar um novo significado para a concepção de existência, em tempos assolados por forte perda do sentido de viver, que corresponde aos questionamentos sobre a insegurança do existir durante as guerras e no pós-Segunda Guerra. Aponta, então, para uma filosofia da alteridade através da linguagem enquanto experiência ética de saída viável da ontologia, resignificando a concepção de existência como palco para uma relação ética portadora de significado e significante ao passo que introduz sentido ao existir, no “está para o outro”.

Em primeiro lugar, em *D'existence à l'existant*, o há se desprende de uma fenomenologia da fadiga, da preguiça; em seguida a busca do ente na hipóstase. Entretanto, ao final do livro, evidencia-se a ideia essencial de que o verdadeiro portador do ser, a verdadeira saída do há está na obrigação, no para o outro que introduz um sentido no não-sentido do há (POIRIÉ, 1992, p. 79).

182

Emmanuel Lévinas tem ojeriza à racionalidade ocidental que distorceu a origem real da linguagem no diálogo. Ele defende que a linguagem seja num primeiro momento expressão de caráter “não-verbal” nos relacionamentos face a face e o laço da linguagem com a ética se dá como resultado desses relacionamentos. Para Lévinas (*apud* HUTCHENS, 2007), a linguagem não é meramente um instrumento utilizado para transmitir princípios racionais ou informações empíricas; nem tampouco é um artifício que os indivíduos isolados usam para estabelecer uma comunicação e proximidade igual entre eles mesmos e outras pessoas; tampouco é um meio de apropriar-se indevidamente do mundo fora da mente indicando os objetos e eventos que o constituem. O arcabouço filosófico levinasiano no tocante à importância e trato da linguagem é amplo, permitindo que se observe tal realidade também em *Totalité et infini: essai sur l'extériorité*, dentre muitas outras obras de sua autoria.

### **A linguagem enquanto experiência ética de saída da racionalidade totalizante**

A primeira manifestação linguística, como foi apresentado, é a não-verbal, o “outro” que se apresenta ao “eu” de *per* si lhe fala imperativamente algo antes que qualquer um dos dois fale. Isso porque a linguagem não parte do saber nomear ou

apreender conhecimento, mas se manifesta originariamente na relação face a face. A recusa do falar é meramente uma recusa a responder com ato da fala e isso, simplesmente, se manifesta em si como uma resposta ao que lhe impele a falar (HUTCHENS, 2007, p. 75-74). Escreve Lévinas (2000) em *Totalité et Infini: essai sur l'extériorité*:

A linguagem como um intercâmbio de ideias sobre o mundo, com a reserva mental que ela envolve, através das vicissitudes da sinceridade e do engano que ela esboça, pressupõe a originalidade da face sem a qual, reduzida a uma ação entre ações cujo significado exigiria uma psicanálise ou sociologia infinitas, ela não poderia começar.

A manifestação do rosto na relação face a face, como apresenta o filósofo, é dotada da primazia do falar, pois a outra pessoa diante do eu apresenta um anúncio imperativo, um mandato que o tira literalmente da autossuficiência. Mas o próprio Lévinas não objetiva fazer da sua filosofia um imperativo, uma ditadura do caráter ético da linguagem como meramente ato de fala “não-verbal”, porque pensar de tal forma já implicaria contradizer seu pensamento ético em relação com a linguagem, como saída da tradição filosófica totalizante do Ocidente. “Para ensino racional, a condição para todo o ensino” (LÉVINAS, 2000, p. 203). A expressão imperativa que “outrem” apresenta ao “eu” não é de forma alguma uma delegação ao que ele deve fazer de forma não tematizada, mas que de fato ele deve fazer algo e, se não o fizer, mesmo assim estará respondendo a esta expressão.

Lévinas, não somente nas obras *De l'existence á l'existant* e *Totalité et infini: essai sur l'extériorité*, mas em todo o arcabouço de sua produção filosófica, dirige ferrenhas críticas à totalização, à racionalidade temática ou a qualquer outra forma de tentativa de “reduzir o Outro à Mesma Coisa” que tenha a pretensão de fazer com que o estrangeiro se torne coisa específica e o diferente do “eu” seja convertido em algo dado como familiar. Ele está atento para a natureza ética da linguagem como verdadeira saída da “ontologia do poder” que supervaloriza a racionalidade buscando o conhecimento em detrimento da ética e da religião. A filosofia, segundo seu entendimento, “foi na maioria das vezes uma ontologia: a redução do outro à semelhança através da interposição de um termo intermediário e neutro que garante a compreensão do ser” (LÉVINAS, 2000, p. 43).

A redução da linguagem adquire universalidade à medida que facilita a compreensão da realidade preparando o terreno de forma sistemática e dialeticamente para uma síntese aperfeiçoada do conhecimento. “A filosofia ocidental, portanto, é um racionalismo redutivo que repudia a transcendência e a diferença” (HUTCHENS, 2007, p. 60). Lévinas demonstra sua preocupação com este tipo de filosofia que, usando-se não somente da linguagem, busca privar os indivíduos de sua própria individualidade.

A realidade desaparece como lugar onde se pode observar que o homem é diferente dos demais seres e, ao mesmo tempo, também entre seus semelhantes; mas a filosofia pretende erradicar essas disparidades propondo que o uso de termos neutros talvez seja



luz. A filosofia considera as pessoas individuais como um tipo de gênero, de tal forma que a pessoa humana é apenas uma parte da classe de pessoas humanas, humanidade ou seres humanos. O termo "humanidade" visa anular a diferença dos seres humanos individuais, as diferenças que possuem existencialmente (HUTCHENS, 2007, p. 62). Mas a existência do "eu" não poderá ser de tal forma reduzida, pois à medida que existe, se confronta com a diferença estranha e hostil da existência mesmo que esteja subordinado a ela.

A sua compreensão de homem está para além do que a racionalidade apresenta. O homem tem a necessidade de agir conforme a racionalidade, mas não pode ser reduzido a este termo uma vez que ele transcende qualquer redução. Atento à natureza da linguagem, cuja estrutura favorece uma relação não-instrumental entre falantes, Lévinas chama a atenção para a linguagem enquanto experiência ética de saída viável da ontologia totalizadora. É importante atentar para isso, pois como a linguagem é condicionadora do pensamento racional focado no ser, a significação do rosto daquele que fala desfaz os equívocos de dominação do outro.

A linguagem é condicionadora do pensamento, não como num estado de materialidade física, mas como ação do "Mesmo" em relação a "outrem". Entretanto, a linguagem não se reduz a representação de "outrem", irreduzível a uma consciência que designe determinação, pois faz referência ao que nenhuma consciência pode conter, refere-se ao infinito de "Outrem". A linguagem não é dotada de um *habitat* na consciência, mas surge a partir de "outrem" e apresenta-se à consciência questionando-a como acontecimento irreduzível à consciência. A linguagem é atitude do espírito que a ele está encarnada sem ser reduzida a sua natureza constituinte (LÉVINAS, 2000, p. 183).

Do entendimento da linguagem, primeiro como "não-verbal", o eu que na relação face a face foi interpelado por "outrem" reconhecendo diante de si a presença do infinito que lhe faz um mandato ao passo que não se reduz a sua consciência, também acena para uma continuidade dessa relação por meio da linguagem verbal à medida que vão estabelecendo o diálogo.

## Conclusão

Este artigo foi desenvolvido tendo como foco a linguagem, que goza de grande interesse no pensamento contemporâneo, visando apresentar a relação entre ética e linguagem na filosofia de Emmanuel Lévinas, grande formulador da filosofia da alteridade e da diferença.

A contextualização do pensamento de Lévinas teve como propósito compreender a relação que o mesmo estabelece entre a ética e a linguagem, cuja estrutura dialogal, nos coloca frente a frente com o outro em cujo rosto se impõe o imperativo de não violentá-



lo, de respeitá-lo, acolhendo sua radical diferença. A linguagem, a partir das concepções filosóficas levinasianas, é de grande atualidade e de relevância prática e teórica, pois ela não é pura determinação ou meio para redução do diferente a algo familiar, domesticável. De acordo com sua proposta, a saída da ontologia do poder, redutora do diferente àquilo que supostamente é comum, isto é, ao ser, será mediante a ética como filosofia primeira. Segue como consequência a compreensão da linguagem, em cuja estrutura relacional, sobressai a ética já desde sua primeira manifestação linguística, que é a “não-verbal”, em cuja primeira aparição se dá na relação com o outro. Desde esse primeiro momento, a linguagem é expressão de suma alteridade, pois o eu se percebe interpelado pelo diferente que, sem nada falar, lhe ordena a fazer algo, mesmo sem dar o tema, isto é, sem definir o que fazer. O diálogo na linguagem verbal surgirá num segundo momento como prolongamento da relação ética que foi pré-estabelecida.

A reflexão do filósofo franco-lituano é de grade relevância nos tempos atuais, pois em suas objeções ao racionalismo totalizante, se percebe que o infinito no rosto de “outrem”, que se apresenta na relação, não deve e não pode sofrer a violenta tentativa de redução à coisa totalmente cognoscível. O que também auxilia na fundamentação das atuais investigações sobre a importância da linguagem “não-verbal” na arena das relações humanas.

A realidade, na qual a pessoa humana está inserida, envolve-a de interpelações linguísticas “não-verbais”, de tal forma que desde o nascimento, é recebida por “outrem” que lhe aparece como face do infinito. Assim também na vida cotidiana, nas relações interpessoais mediante símbolos e sinais, tais como as placas de sinalização, ocorre uma linguagem primeira que impõe um anúncio imperativo, um dever, uma ordem a ser obedecida.

## Referências

- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HUTCHENS, B.C. **Comprender Lévinas**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscellyne. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LEVINAS, Emmanuel. **De l’existence à l’existant**. Paris: Vrin, 1977 [1947].
- LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Totalité et Infini**: essai sur l’extériorité. Paris: Kluwer Academic, 1994 [1961].
- PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **A relação ao Outro em Husserl e Levinas**. Porto Alegre: EDIPUC, 1994.
- POIRIÉ, François. **Emmanuel Lévinas**. Paris: Manufacture, 1992.